

Gagliano Neto: um resgate histórico sobre a trajetória do primeiro “speaker” do rádio brasileiro em Copas do Mundo

Gagliano Neto: a historical review of the trajectory of the first Brazilian radio “speaker” in World Cups

Daniel Leal

Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, Brasil
Doutorando em Comunicação, UFPE
danielleal87@gmail.com

Giovana Mesquita

Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, Brasil
Doutorado em Comunicação, UFPE

RESUMO: O artigo apresenta um resgate histórico sobre a trajetória do “speaker” Gagliano Neto, primeiro profissional do rádio brasileiro a narrar uma Copa do Mundo, em 1938, direto da França. O trabalho parte de um levantamento bibliográfico e de uma pesquisa documental junto à Hemeroteca Digital Brasileira para analisar a construção da figura de Gagliano nos jornais nacionais da década de 1930. O método utilizado para processar as 50 ocorrências encontradas em 16 jornais, entre 1930 e 1939, foi a Análise de Conteúdo, a partir da qual foi possível identificar um perfil sobre o personagem criado acerca da figura de Gagliano. Esta pesquisa explora também a forma de transmissão radiofônica nos primórdios deste meio de comunicação no Brasil, sempre com enfoque no referido narrador, que foi pioneiro, despertou admiração e raiva, e, durante algumas ocasiões, foi a voz mais ouvida do país. Apesar de tudo, Gagliano ainda é um nome pouco explorado na bibliografia comunicacional.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Rádio esportivo; Jornalismo esportivo; Gagliano Neto; Copa 1938.

ABSTRACT: The article presents a historical review of the trajectory of “speaker” Gagliano Neto, the first Brazilian radio professional to narrate a World Cup, in 1938, straight from France. The work starts from a bibliographic survey and a documental research at the Hemeroteca Digital Brasileira to analyze the construction of the figure of Gagliano in the national newspapers of the 1930s. The method used to process the 50 occurrences found in 16 newspapers, between 1930 and 1939, was the Content Analysis, from which it was possible to identify a profile about the character created around the figure of Gagliano. This research also explores the form of radio transmission in the early days of this means of communication in Brazil, always focusing on Gagliano, who was a pioneer, aroused admiration and anger, and, on some occasions, was the most heard voice in the country. Despite everything, Gagliano is still a little explored name in the communicational bibliography.

KEYWORDS: Radio; Sports radio; Sports journalism; Gagliano Neto; Cup 1938.

INTRODUÇÃO

O esporte moderno e os meios de comunicação de massa surgiram no Brasil de maneira quase concomitante em fins do século XIX. De acordo com Edison Gastaldo,¹ ambos são filhos diletos da modernidade. E é até certo ponto simples justificar: os dois floresceram diante do mesmo cenário nacional transicional.

No final do século XIX, o país viu, paralelamente, as práticas esportivas se disseminarem ao mesmo passo que os ventos de modernidade se alastravam. Em duas décadas, podemos destacar fatos históricos como: a abolição da escravidão (1888), a chegada do futebol no Brasil (1893), a derrubada do Império (1889) e a erradicação da febre amarela (1904-1908).

Neste mesmo período, as artes gráficas e as tecnologias de comunicação audiovisual experimentaram extraordinários avanços: fotografia, telefone, fonógrafo, cinema e impressão offset [...] forneceram condições tecnológicas para o surgimento desses dois importantes fundamentos da cultura de massa do século XX: mídia e esporte.²

Kischinhevsky e Lopez³ observam que as transmissões do rádio esportivo foram potencializadas pela realização, em 1896, dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em Atenas. “Por isso, não é surpresa que, quando o rádio dá seus primeiros passos nos anos 1910/1920, a transmissão de relatos esportivos tenha despertado tanto interesse”.⁴

É nesse cenário que surge o rádio no Brasil, com a experiência da Rádio Clube de Pernambuco, no Recife, em 1919. Não demoraria muito até que as ondas sonoras da música também se convertessem nas ondas sonoras dos gols. Devido ao limite deste trabalho, as descrições serão fragmentadas em quatro pontos: o contexto para o nascimento do rádio no Brasil; Gagliano Neto, o primeiro a narrar um Mundial; a construção da figura de Gagliano nos jornais da década de 1930; e uma breve descrição sobre a vida de Gagliano nos anos pós-Copa de 1938.

¹ GASTALDO. Futebol e estudos de comunicação no Brasil.

² GASTALDO. Futebol e estudos de comunicação no Brasil, p. 399.

³ KISCHINHEVSKY; LOPEZ. A dimensão sonora nos estudos de comunicação e esporte.

⁴ KISCHINHEVSKY; LOPEZ. A dimensão sonora nos estudos de comunicação e esporte, p. 3.

Para isso, este artigo parte do levantamento bibliográfico e documental realizado a partir de uma pesquisa junto à Hemeroteca Digital Brasileira, especificamente na década de 1930. O método utilizado para processar as 50 ocorrências encontradas em 16 jornais, entre 1930 e 1939, foi a Análise de Conteúdo quantitativa e qualitativa,⁵ a partir da qual foi possível identificar um perfil sobre o personagem – quase sempre admirado; mas, por vezes, odiado – criado acerca da figura de Gagliano e a importância deste narrador para a literatura do rádio nacional.

Apesar de ter pouco reconhecimento histórico na mídia esportiva nacional, foi este economista e, adiante “speaker”, o responsável pela narração daquela que foi a primeira transmissão de Copas do Mundo para o Brasil, em 1938, no evento ocorrido na França.

Vale destacar que esta pesquisa também fez buscas exploratórias, a partir da palavra-chave “Gagliano Neto”, no Portal de Periódicos da Capes e a Biblioteca Brasileira de Dissertações e Teses (BBDT). Porém, em ambos os canais, que reúnem os maiores acervos científicos virtuais do país, não foram encontrados trabalhos sobre o narrador.

Por outro lado, é importante destacar que este trabalho não tem como pretensão esgotar toda a trajetória de Gagliano Neto, mas, especialmente, servir como um impulso para que este personagem seja mais explorado. Há, por exemplo, milhares de outras menções ao termo “Gagliano Neto” nas décadas de 1940, 50, 60 e 70, que neste trabalho não serão exploradas.

UM BREVE CONTEXTO SOBRE O SURGIMENTO DO RÁDIO ESPORTIVO NO BRASIL

Bem antes das notícias que reverberariam país afora sobre futebol, ou do interesse maciço por esportes como o remo ou o elitizado turfe, surge o primeiro jornal voltado para o segmento esportivo do Brasil. *O Atleta* nasceu em 1856 e tratou de temas voltados para o aprimoramento físico dos moradores da cidade do Rio de Janeiro.⁶

⁵ BARDIN. *Análise de conteúdo*.

⁶ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*.

Outros jornais interessados em se especializar na temática foram pouco a pouco surgindo. Ribeiro⁷ destaca *O Sport* e *O Sportsman*, em 1885 e em 1891, respectivamente, também na cidade do Rio; *A Platea Sportiva*, em 1888; a revista *O Sport* e o jornal *Gazeta Sportiva*, ambos em 1898, em São Paulo – esta *Gazeta* não tem ligação com a homônima mais famosa que nasceria décadas mais tarde. “Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade: apenas notícias de turfe, regatas e ciclismo”.⁸

De acordo com o historiador Victor Andrade de Melo,⁹ em geral, no início, “o noticiário de esportes se misturava com informações comerciais, políticas, econômicas, por vezes, inseridas no bloco dos acontecimentos sociais”. Porém, como fenômeno social que gerava interesse em determinados nichos, o esporte oferecia cada vez mais conteúdo à mídia que, por sua vez, aproximava-se de uma nova prática que se instituiu no país, ao redor da qual estavam envolvidos membros das elites. Noticiar esportes, então, configurava-se como um sinal de progresso e civilidade.¹⁰

Naquela altura, o futebol ainda buscava a profissionalização. O que acabou sendo crucial para o próprio fortalecimento do jornalismo especializado em esportes, levando-o também a uma dinâmica cada vez mais profissionalizada. Buarque de Hollanda¹¹ observa que “não resta dúvida que o contexto econômico e político propiciou a afirmação dessa espécie paralela e autônoma de gênero jornalístico”.

Atento a isso, o empresário Mário Rodrigues Filho foi no Brasil um verdadeiro agente da vida esportiva, política e cultural. Além de “inventar tradições”, “inventar multidões”¹² e pregar uma espécie de “pedagogia esportiva”, como reforça Buarque de Hollanda,¹³ o jornalista cultivava uma proximidade com os poderosos representantes do poder institucional ligado aos esportes no país.

⁷ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 27.

⁸ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 27.

⁹ MELO. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*, p. 26.

¹⁰ MELO. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*.

¹¹ BUARQUE DE HOLLANDA. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*, p. 82.

¹² “Mário Filho, o Criador das Multidões” foi um documentário brasileiro lançado em 2010 por Oscar Maron Filho.

¹³ BUARQUE DE HOLLANDA. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*, p. 83.

O fato é que, a chegada do futebol na imprensa, dominada plenamente pelas elites, logo revolucionaria todo um contexto midiático. Na década de 1920, o futebol já era o esporte número 1 do Brasil. Os estádios viviam lotados nas principais praças desportivas do Brasil, a exemplo do que ocorria em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Recife e em Salvador, e “os jornais vendiam feito água”.¹⁴ É neste contexto que o rádio chega no universo das transmissões esportivas no Brasil

De acordo com André Ribeiro,¹⁵ a primeira transmissão esportiva no Brasil foi realizada por Leopoldo Santana, em 1922. Não se tratava ainda das veiculações que estamos hoje acostumados, mas sim de uma série de boletins recebidos por telefones e retransmitidos por alto-falantes.

Pouco mais de um mês após o presidente Eptácio Pessoa fazer um discurso pela Rádio Difusora do Rio de Janeiro, nas comemorações do centenário da Independência do país, em 15 de outubro de 1922, Casper Líbero, dono do Jornal *A Gazeta*, de São Paulo, convidou Leopoldo Santana para irradiar o jogo entre Brasil e Argentina, válido pelo Campeonato Sul-Americano, disputado no estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro. [...] Eles informavam o andamento da partida aos frequentadores da Confeitaria Mimi, localizada no Vale do Anhangabaú, Centro de São Paulo.¹⁶

Em 1931, Nicolau Tuma, um então jovem estudante de Direito de 20 anos, tornou-se o primeiro narrador no país de uma partida de futebol na íntegra. Na Rádio Educadora Paulista (depois *Gazeta*), ele narrou São Paulo x Paraná, pelo Campeonato Brasileiro daquele ano. À época, como é possível imaginar, não havia uma mínima estrutura nos estádios para os radialistas. “Para realizar a transmissão, difícil foi encontrar espaço entre os torcedores que se espremiavam nas arquibancadas”.¹⁷

José Hamilton Ribeiro¹⁸ descreve a narração daquela primeira locução. “Peguem uma caixa de fósforos. A caixa de fósforos é um retângulozinho, não é? Agora sim, a caixa de fósforos é o campo. Do lado esquerdo vão jogar os paulistas; do direito, os paranaenses”, explicou Tuma, imortalizado como “speaker metralhadora”, apelido dado pela surpreendente marca de 250 palavras faladas por minuto.¹⁹

¹⁴ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 58.

¹⁵ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*.

¹⁶ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 59.

¹⁷ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 76.

¹⁸ RIBEIRO. *Jornalistas – 1937/1997*.

¹⁹ ORTRIWANO. *França 1938, III Copa do Mundo: o rádio brasileiro estava lá*.

Não é pretensão deste artigo fazer um detalhamento por toda a história do rádio esportivo brasileiro e seus inúmeros e riquíssimos personagens. Entretanto, pontuamos a relevância do surgimento da figura do primeiro plantão esportivo,²⁰ com José Augusto Siqueira, na Rádio Record; e pouco depois dos comentaristas, a exemplo de Thomaz Mazzoni, da Rádio Cruzeiro do Sul. A presença desses profissionais do rádio, em geral, ainda era rara nas maiorias das transmissões.

Nesse sentido, Almeida, Araújo e Rubio contextualizam que, nesse período, o Comitê Olímpico Internacional (COI) via a possibilidade de transmissão dos Jogos Olímpicos de 1924 no rádio como uma espécie de “concorrência”. “A possibilidade de haver a transmissão radiofônica de competições olímpicas era uma preocupação para os organizadores, que encaravam o meio como um problema, tendo em vista que poderia impactar negativamente na venda de ingressos”.²¹

Os pesquisadores complementam que, oito anos depois, porém, o rádio deixaria de ser visto como um adversário e passaria a ser considerado um importante veículo de divulgação. Adiante, nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, 41 companhias estrangeiras enviaram 105 repórteres de rádio para a Alemanha. “O Brasil teve nove jornalistas credenciados, mas não há dados sobre quantos trabalharam para as rádios e para os meios de comunicação impressos”.²²

Nesta mesma década, em 4 de novembro de 1930, Getúlio Vargas assumiu o governo provisório que duraria 15 anos. No Programa de Reconstrução Nacional estava programada a criação do Ministério do Trabalho, que lançaria as bases para a posterior regulamentação da carreira de jogador de futebol profissional. Em março 1932, Vargas instituiu, por decreto, a liberação da publicidade em rádio.²³

Neste contexto, a imprensa esportiva foi se consolidando. Apesar do crescimento do rádio esportivo, nenhuma emissora se atreveu a transmitir a Copa do Mundo de 1934, na Itália. Fato que se consumiria quatro anos adiante, com um

²⁰ Profissional do rádio responsável por levar aos ouvintes boletins atualizados sobre outros eventos esportivos que ocorrem paralelamente àquele que está sendo transmitido; também pode ajudar com informações complementares à transmissão ou a qualquer outra cobertura que tenha a ver com esportes.

²¹ ALMEIDA; ARAÚJO; RUBIO. Revisitando transmissões radiofônicas pioneiras de Jogos Olímpicos no Brasil, p. 85.

²² ALMEIDA; ARAÚJO; RUBIO. Revisitando transmissões radiofônicas pioneiras de Jogos Olímpicos no Brasil, p. 89.

²³ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*.

quarteto de enviados especiais, sendo um deles com a missão de carregar consigo a história da rádio (especialmente a esportiva) brasileira.

GAGLIANO NETO: O PRIMEIRO A NARRAR UMA COPA DO MUNDO

Na década de 1930, as linhas telefônicas eram precárias. Técnicos precisavam solicitar a sua instalação com até uma semana de antecedência ao dia do jogo. Os microfones, pesadíssimos, invariavelmente pifavam durante as transmissões.²⁴ Imagine então, neste contexto, um narrador no meio da arquibancada. A torcida a cantar, a vaiar, a vibrar. Imagine esse locutor sem uma cadeira para sentar-se, sem uma equipe técnica. Era ali, de pé mesmo. Ele, a torcida, o jogo e o microfone na mão. Era no meio da arquibancada que o *speaker* atuava.

Também vale destacar que não havia vinhetas, efeitos sonoros, comentaristas e tampouco repórteres de campo. Um narrador, ou “*speaker*”, nos primórdios do rádio era, antes de tudo, uma voz solitária, mas forte e potente. A combinação entre palavras e ambiente sonoro foi levado a milhares de brasileiros, que aglomerados aos montes, puderam ouvir, em tempo real, pela primeira vez na história, a narração de uma Copa do Mundo. Isso aconteceu na França, em 1938.

A voz por trás do microfone era de Leonardo Gagliano Neto, um pernambucano nascido no Recife, em 24 de dezembro de 1911. Formado em Ciências Econômicas pela Faculdade de Contabilidade de Recife mudou-se para São Paulo em 1935, onde aos 24 anos iniciou sua carreira como radialista. Em março daquele mesmo ano narrou a primeira partida de futebol na Rádio Cruzeiro do Sul. O duelo foi justamente entre o Palestra Itália e o Botafogo-RJ, de acordo com o neto do radialista, Zilando Freitas, seus times do coração.²⁵

Três anos depois, já famoso na capital paulista pela sua voz possante e pausada,²⁶ viria a imortalizar-se na história da radiofonia brasileira definitivamente ao ser a voz que ligaria Brasil e França, sede da Copa do Mundo, em 1938. Gagliano Neto, titular do Departamento de Esportes da PRA-3, da Rádio Clube do Brasil, do

²⁴ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*.

²⁵ DUARTE. A história de Gagliano Neto, o primeiro “*speaker*” brasileiro em Copas do Mundo.

²⁶ ORTRIWANO. *França 1938, III Copa do Mundo*.

Rio de Janeiro, foi o único sul-americano enviado para narrar o torneio na Europa. Era a primeira vez que o rádio esportivo brasileiro partia para a cobertura de um megaevento. Ribeiro²⁷ recorda que, além de Gagliano, foram enviados do Brasil para a França: Thomaz Mazzoni, de *A Gazeta*; Afrânio Vieira, do *A Noite*; e Everardo Lopes do *Jornal dos Sports*.

Muitas outras rádios e narradores poderiam ter tido o privilégio de ter ido àquela Copa. Ari Barroso, mineiro de Ubá, da Rádio Cruzeiro do Sul, já fazia sucesso como “homem da gaitinha” – ele tocava o instrumento como artefato sonoro na hora dos gols, uma revolução do precursor das vinhetas na rádio nacional.

O paulista Nicolau Tuma, por sua vez, já era amplamente conhecido no país, mas ele não iria à Copa por uma razão em especial. Embora no potente microfone da Rádio Cultura de São Paulo, Tuma se tornou mais um ouvinte daquele Mundial ao ver nascer os primórdios do monopólio da transmissão esportiva brasileira. Assim como já fazia nos campeonatos estaduais do Rio de Janeiro e de São Paulo, as Organizações Byington também compraram os direitos de reproduzir o Mundial de 1938 com exclusividade.

Por essa razão, apenas a sua cadeia de rádios poderia narrar a competição. Quatro emissoras estavam no grupo aptas a reproduzir a narração de Gagliano Neto: Cosmos e Cruzeiro do Sul, de São Paulo; a Clube do Brasil e Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro; “além da Rádio Clube de Santos, em colaboração com os jornais *O Globo* e *Jornal dos Sports*, em patrocínio exclusivo do Cassino Urca”.²⁸

O historiador André Ribeiro²⁹ conta que, para obter a exclusividade do torneio, a Rádio Clube do Brasil pagou 100 contos, dinheiro que Gagliano Neto apostava: voltaria pelo menos triplicado aos cofres da empresa, tamanha era a expectativa de aumento da audiência. O radialista acertou precisamente, tanto que à frente seria promovido ao cargo de diretor geral da Rádio Clube do Brasil.³⁰

Gagliano, um pernambucano que fazia enorme sucesso no rádio do Rio de Janeiro, não fazia ideia do tamanho da repercussão de suas transmissões. Com seu estilo sóbrio, sem floreios, era capaz de

²⁷ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*.

²⁸ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 99.

²⁹ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*.

³⁰ ORTRIWANO. *França 1938, III Copa do Mundo*.

improvisar por horas a fio. As praças das principais cidades do país lotaram para acompanhar suas transmissões diretamente da França, por meio de alto-falantes. O Brasil parou.³¹

Gagliano Neto viajou por 18 dias na segunda classe do navio Arlanza – o mesmo que levou o restante da delegação brasileira à França. Fez paradas na Bahia e no Recife, onde foram realizados dois treinos de campo para os atletas. O som das transmissões chegava com muitos chiados e interferências.³² O mesmo valia para o público, que sofria com a precariedade dos receptores a válvula, chamados de “capelinha”.

Nada que impedisse centenas (ou alguns milhares) de pessoas, incrédulas e fascinadas, a vibrar com os sons vindos do outro lado do oceano. Os que não tinham rádio em casa, artigo de luxo na época, aglomeravam-se no Largo do Paissandu, em São Paulo, ou diante da Galeria Cruzeiro, no Rio de Janeiro. Em geral, foi assim que a torcida brasileira ouviu Gagliano Neto narrar os 11 gols da vitória do Brasil sobre a Polônia por 6 a 5, em 5 de junho de 1938.

Do outro lado do oceano, Gagliano Neto “usava as linhas de transmissão de comunicação do exército da França para fazer a transmissão aqui para o Brasil”.³³ Foi assim garantida a narração da vitória diante dos polacos na estreia (as seleções partiam das oitavas de final).

Em seguida, o Brasil enfrentou nas quartas de final a Tchecoslováquia, então seleção vice-campeã mundial. No primeiro jogo, empate (1 a 1). No jogo seguinte, o de desempate, mais um jogo disputadíssimo. Mais cenas de violência, com jogadas ríspidas e atletas feridos. A ponto de Nicolau Tuma lembrar o trocadilho que Gagliano Neto repetia a todo instante nas transmissões em função do violento futebol praticado pelos tchecoslovacos contra os brasileiros “checos los toros e não checos los vacos”.³⁴

Outro detalhe importante é que, naquela Copa, os jogadores ainda não usavam numeração nas camisas. Ou seja, cabia aos narradores apreenderem bem a

³¹ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 99.

³² ORTRIWANO. *França 1938, III Copa do Mundo*.

³³ UBERREICH (informação verbal). *A primeira Copa do Mundo transmitida no Brasil pelo rádio*.

³⁴ ORTRIWANO. *França 1938, III Copa do Mundo*, p. 7.

fisionomia dos jogadores, pelos cabelos, bigodes, trejeitos, altura... Dar um jeito era essencial. Aos desconhecidos adversários, salienta Ortriwano,³⁵ “haja imaginação!”.

Sem o principal jogador, Leônidas da Silva, fora do jogo contra a Itália, na semifinal, o Brasil foi derrotado pela Itália por 2 a 1. Até hoje não se sabe exatamente as razões exatas da ausência do atacante naquele jogo. Ortriwano³⁶ cita um trecho de uma reportagem do Estado de S. Paulo, que reproduz “numa voz rouca, com altos e baixos”, aquela informação:

Prezados ouvintes brasileiros, Marselha parou hoje para ver o time do Brasil. Leônidas não joga. A escalação do selecionado brasileiro é a seguinte: Walter, Domingos e Machado; Zezé, Martim e Afonsinho; Lopes, Luizinho, Romeu, Perácio e Patesko”. Depois, Gagliano Neto relaciona a seleção adversária. Ainda segundo o Estado, “mil homens, mil chapéus, na assistência da Praça Patriarca. Outros pontos de aglomeração para ouvir o jogo: Praça Antonio Prado, Líbero Badaró, Praça da Sé, Largo da Misericórdia.³⁷

O Brasil garantiu o terceiro lugar da Copa, ao vencer a Suécia, de virada, por 4 a 2. Leônidas, com oito gols, foi o artilheiro da Copa. Em um domingo, 19 de junho, Gagliano transmitiu, diretamente do Estádio Colombes, em Paris, a final da Copa do Mundo. Vitória italiana sobre a Hungria 4 a 2, com a Azzurra bicampeã.

A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DE GAGLIANO NETO NA DÉCADA DE 1930

Gagliano Neto foi, indiscutivelmente, um pioneiro. O título de primeiro a narrar um Mundial para uma nação que, adiante, tornar-se-ia “o país do futebol”, não está em questão na historiografia deste “speaker”. Por outro lado, o narrador foi retratado ao longo dos anos como uma figura contraditória. Amada, idolatrada, “o melhor”; questionada, odiada, “persona non grata”. É, seguramente, esta dualidade na constituição da figura de Gagliano a principal contribuição deste artigo.

Para chegar ao material que apresentaremos a seguir, optamos pela pesquisa na Hemeroteca Digital Nacional, portal de periódicos nacionais que permite ampla consulta (e gratuita) a jornais, revistas, anuários, boletins e publicações seriadas. Foi apenas neste ambiente que, através da palavra-chave

³⁵ ORTRIWANO. *França 1938, III Copa do Mundo*, p. 3.

³⁶ ORTRIWANO. *França 1938, III Copa do Mundo*, p. 5.

³⁷ ORTRIWANO. *França 1938, III Copa do Mundo*, p. 5.

“Gagliano Neto”, conseguimos encontrar registros sobre o “speaker”. Conforme já mencionado, também visitamos o Portal de Periódicos da Capes e a BBDT, porém sem encontrar nada nestes acervos, a partir de buscas pelo nome radialista, objetivo do nosso estudo.

Na Hemeroteca Nacional, optamos por restringir a nossa pesquisa à década de 1930 por duas razões mais fortes: primeiro, pelas limitações espaciais deste artigo; e, em seguida, por entender que foi este o período que lançou maior luz à carreira de Gagliano Neto, justamente pelo fato de ter sido ele o primeiro narrador brasileiro em Copas do Mundo. Há também uma terceira razão, menor, que é dar margem para que novos trabalhos acerca deste comunicador surjam adiante. Afinal, observamos que nas décadas posteriores há ainda milhares (sim, muito mais do que mil) de menções ao termo “Gagliano Neto”.

Dito isto, encontramos entre os anos de 1930 e 1939 um total de 50 registros que remetiam a Gagliano Neto, seja para anunciá-lo em transmissões esportivas, seja para analisar o trabalho do “speaker” na Copa de 1938, ou mesmo com entrevistas com o narrador, tratado por vezes como uma espécie de celebridade por determinados veículos de comunicação da época.

O material encontrado, primeiramente, foi submetido à “leitura flutuante”, fase da análise de conteúdo³⁸ em que surgem as primeiras impressões. Em seguida, foram selecionadas as unidades de análise.

O jornal que mais menções a Gagliano Neto ofereceu no período em análise foi o *Correio Paulistano*, primeiro jornal diário publicado em São Paulo e o terceiro do Brasil (desde 1854). Ao todo, foram 14 ocorrências sobre Gagliano Neto. Podemos dividir essas referências em três blocos (a divisão qualitativa serve igualmente para os demais jornais): 1. Publicitário, com anúncios de jogos que seriam narrados por Gagliano Neto e seu “screte”; 2. Entrevista com Gagliano Neto; 3. Notícias em que o nome do narrador é mencionado para dar destaque a forma de narração de determinado lance; o impacto da transmissão para a sociedade; ou informações sobre a ida e vinda do narrador para/da França).

³⁸ BARDIN. *Análise de conteúdo*.

Em termos quantitativos, a publicidade se fez presente em duas oportunidades, enquanto Gagliano Neto foi entrevistado uma vez e, por fim, as notícias com menções ao narrador apareceram por 11 vezes. A maioria dessas notícias dão contornos mais concretos ao poder comunicacional e à potência do rádio numa época sem televisão e ainda inimaginável internet. Numa das notícias, lê-se, por exemplo, que o presidente Getúlio Vargas parou ao lado da família para ouvir a narração de Gagliano em notícia veiculada em 7 de junho de 1938 – vale ressaltar que optamos por manter as grafias originais dos textos que serão citados.

Todas as atenções estavam voltadas para o encontro internacional de futebol que se feriu á tarde entre os conjuntos do Brasil e da Polonia. Excepcionalmente, como talvez nunca tenha acontecido, o interesse aqui na capital da Republica, foi geral. O Departamento nacional de Propaganda collocou varios alto-falantes em diversos pontos da cidade. [...] O telegraphista Dario Balledau, chefe da estação postal telegraphica de Campos, cahiu fulminado por uma syncope cardiaca ao ouvir, depois de tantas peripecias, o “speaker” Gagliano Neto, anunciar a victoria do Brasil, nas canchas de Strasburgo. Os jornaes da tarde publicam, com todo o destaque, photographias tiradas no Palacio da Guanabara do presidente Getulio Vargas, senhora e filha, assistindo pelo radio ao desenrolar da peleja.³⁹

Em 9 de agosto de 1938, o *Correio Paulistano*⁴⁰ traz uma entrevista na chegada de Gagliano Neto ao Recife, de regresso da França, a bordo do mesmo navio que o levara, o Arlanza. Ao aportar na capital pernambucana, o radialista demonstrou a sua face de comentarista. E teceu duras críticas à (falta de) disciplina dos jogadores brasileiros na Copa. “Os jogadores europeus cumprem religiosamente, sob pena de severas sanções, as instruções técnicas dos respectivos treinadores, o que desgraçadamente não se verificou com os nossos quadros, onde cada jogador age por conta própria”.⁴¹

A mesma queixa de Gagliano por “falta de disciplina” foi veiculada, dois dias antes, em 7 de agosto, pelo tradicional *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, na seção Telegramas do interior, que na ocasião reportou *Notícias de Pernambuco*.⁴² Na passagem, uma nota traz que Gagliano, de passagem pela capital, entrevistado pela

³⁹ CORREIO PAULISTANO: Declarações do Sr. Castello Branco, p. 9.

⁴⁰ CORREIO PAULISTANO: E'cos da disputa do campeonato mundial de futebol.

⁴¹ CORREIO PAULISTANO: E'cos da disputa do campeonato mundial de futebol, p. 9.

⁴² JORNAL DO BRASIL: Notícias de Pernambuco, p. 6.

imprensa, citou vários casos e pontos a evoluir com a Seleção Brasileira. Após a parada no Recife, a viagem seguiria para o Rio de Janeiro, no dia 12, desta vez no navio Highland Patria.

O segundo jornal com mais notícias envolvendo Gagliano Neto é justamente o *Jornal do Brasil*. O periódico acompanha desde a expectativa para uma transmissão de rádio na Copa até o retorno da delegação brasileira. Sobre a ida, é interessante a nota de 19 de maio de 1938 que atesta treinos diários dos jogadores sob o comando do técnico Ademar Pimenta dentro do navio. Em outra passagem o jornal informa que Gagliano Neto passou mal na saída do Recife, mas logo ficou “inteiramente restabelecido” na viagem.⁴³

Ao todo, o *Jornal do Brasil* traz 11 menções ao narrador ao longo da década, que vão de fevereiro de 1937 a dezembro de 1938, ano do Mundial. No dia 9 de junho de 1938, por exemplo, pode-se ler o anúncio da exibição de uma “reportagem cinematográfica” do jogo entre Brasil e Polônia (ocorrido em 5 de junho) para acontecer no cinema Broadway, na então capital federal. “E os cariocas poderão ver, assistindo esse filme, aqueles mesmos lances que os fizeram vibrar de emoção através da descrição perfeita de Gagliano Neto, o formidável speaker do Radio Clube do Brasil”.⁴⁴

Numa outra matéria, adiante, no dia 14 de junho, o jornal informa que os últimos lances do jogo não puderam ser filmados pela falta de luz e pela chuva torrencial em Strasburgo. A narração dos lances no cinema, entretanto, não foram as originais de Gagliano Neto no rádio, mas, sim, de Ari Barroso, o vitorioso “speaker” da “Sports na batata”, conforme relatado pelo jornal.

Em 19 de junho, a coluna Boladas e Balões, assinada pelo jornalista Paulo Gustavo cita uma revolta de Gagliano Neto com a arbitragem, sem, no entanto, deixar claro sobre que jogo se referia, embora, por dedução, entendemos que tenha relação com a derrota para a Itália, na semifinal, jogo que aconteceu no anterior dia 16.

Não há como, agora, após tantos jogos rudes e seguidos dos nossos, desconhecer que os juízes europeus tudo fazem, lícita ou ilícitamente, para que a copa do campeonato mundial não saia da Europa. Deve ser, realmente, difícil, diante de flagrantes injustiças, conservar a calma e a

⁴³ JORNAL DO BRASIL: Campeonato Mundial de Football.

⁴⁴ JORNAL DO BRASIL: A guerra e o football, p. 13.

elegância que caracterizam o espírito esportivo. E chegamos a compreender porque Gagliano Neto tem tanta vontade de quebrar a cara daquela gente toda.⁴⁵

Foi no *Jornal do Brasil* também que identificamos as primeiras polêmicas envolvendo o nome de Gagliano Neto. Em 16 de dezembro de 1938, o periódico publica uma “nota oficial”, na íntegra, do Vasco da Gama. O clube carioca faz extensa contextualização para ao final apontar um veto à presença de Gagliano Neto no clube. Vale destacar que, no dia seguinte, o *Correio Paulistano* também traz nota similar de protesto.

Lamentamos que o Rádio Clube do Brasil, o pioneiro do rádio no Brasil, e que tem sempre sido distinguido com a nossa simpatia e apreço, esteja por mero acaso sendo joguete de espíritos partidários que, sem a devida compostura, insultam uma organização como o Clube de Regatas Vasco da Gama [...] procurando destruir a amizade entre o nosso clube e a emissora. [...] Desta forma comunicamos a V. Exa. que como sempre, o Vasco terá muito prazer em acolher o Rádio Clube do Brasil, fazendo-vos ciente entretanto que o Sr. Gagliano Neto não é persona grata ao nosso clube.⁴⁶

O jornal *O Dia*, do Paraná, foi o terceiro com mais registros sobre Gagliano Neto na época. E aquele que trouxe elogios, sim, mas também severas críticas. Antes do Mundial, em 4 de maio de 1938, o jornal noticia a transmissão da Copa “para todos os brasileiros”, destacando a façanha da Rádio Clube do Brasil, em combinação com *O Globo* e o *Jornal dos Esportes*.⁴⁷ Primeiramente, o empolgado anúncio da transmissão com elogios ao “speaker”.

Funcionará como “speaker”, em todas as transmissões, Gagliano Neto. Eis aí um nome que se impôs, de modo definitivo, na preferência do nosso público esportivo, graças a uma série de serviços de alta sensação. Só a reportagem feita por Gagliano Neto no campeonato sul-americano bastaria para consagrar e popularizar um “speaker”. Aliás, ele possui todas as qualidades que marcam os expoentes de sua profissão: dicção absolutamente nítida, inflexões justas, sendo o repórter na seleção dos aspectos mais palpitantes de cada fato, probidade e abundância nas informações, e uma excepcional qualidade descritiva. Durante as

⁴⁵ JORNAL DO BRASIL: Boladas e Balões, p. 2.

⁴⁶ JORNAL DO BRASIL: D C. R. Vasco da Gama: Nota oficial, p. 13.

⁴⁷ Os dois jornais que participaram da cobertura não trazem registros a Gagliano Neto a partir da nossa pesquisa na Hemeroteca Digital Nacional realizada a partir do nome do radialista como palavra-chave.

irradiações do campeonato, terá, como se pode prever, um público jamais conseguido por qualquer outro “speaker” brasileiro.⁴⁸

No dia 9 de julho de 1938, *O Dia* teve acesso a trechos de uma carta enviada pelo meio-campista Tim, “à sua progenitora”, fato que teria decorrido ainda durante a Copa. No seu texto, o atleta do Fluminense e da Seleção fazia duras críticas ao técnico da Seleção no Mundial, Ademar Pimenta, e ao radialista Gagliano Neto. O conteúdo, exclusivo na época, repercutiria ainda por muitos dias adiante.

Soube aqui que o Gagliano Neto, na sua irradiação do jogo contra os checos fez as piores referências ao meu jogo, dizendo que eu era o pior elemento do ataque e que estava prejudicando o jogo dos companheiros. Entretanto, as coisas foram justamente ao contrário. Eu nunca fiz uma partida como aquela, e para provar já mandei para o Fernando alguns recortes de jornais franceses que ele traduzirá para a senhora [...]. Esse ordinário do Gagliano procurou me desmoralizar.⁴⁹

No dia 16 de julho, é a vez do próprio jornal *O Dia* trazer uma matéria em que faz contundentes críticas, a começar pelo trocadilho com o nome do locutor a quem chama de “Italiano Neto”. O título da matéria, não assinada, é o seguinte: “Gagliano Neto o ‘speaker’ sem noção de responsabilidade”. O texto endossa as críticas do meia Tim, realizadas dias antes, ao narrador. Além disso, ao final, a matéria traz uma acusação de que Gagliano teria comemorado a derrota do Brasil frente à Itália, na semifinal do Mundial.

É grande o número de acusações feitas pelos nossos “scratchmen” contra o “conhecido” locutor da Radio Clube do Brasil, Gagliano Neto. [...] Contra a atuação do “speaker” “Italiano Neto”, conforme dizer dos jornais cariocas, são inúmeras as queixas de jogadores. [...] Na transmissão dada por Gagliano Neto aos ouvintes do Brasil, Tim foi o pior elemento em campo. No entanto, “el Peon” foi o 1º homem em campo. As declarações do meia esquerda do Fluminense não foram exageradas, porquanto todos nós ficamos perplexos quando assistimos o filme. Foi verdadeiramente espetacular a atuação de Tim. [...] Agora ficam provadas as qualidades do “speaker esportivo” n. 1 do Brasil, que por ocasião do ultimo Sul-Americano, na Argentina, com suas insolências, quase criou um caso entre nosso país e a república irmã. [...] Agora, novamente o locutor da P. R. A. 3 cometeu “gafes” tremendas omitindo fatos verdadeiros e inventando falsidades. Os jogadores chegam a acusá-lo de “torcer” contra o Brasil fato bastante grave. Domingos, falando aos jornalistas guanabarinóis disse que após o Brasil

⁴⁸ O DIA: Será irradiado o campeonato mundial para todos os brasileiros, p. 6.

⁴⁹ O DIA: Pimenta fortemente acusado por Tim, p. 8.

ser derrotado pela Itália, passeando por uma movimentada rua de Marselha encontrou Gagliano Neto sentado num bar, bebendo cerveja à saúde de nossos vencedores. É de se “parar” com o “seu” “Italiano Neto”. Agora já o conhecemos de sobra.⁵⁰

É interessante notar que um acervo de memória constituído a partir de jornais e revistas, construído com a preocupação de contemplar múltiplos olhares, pode propiciar uma pluralidade de visões acerca de personagens históricos. Com Gagliano Neto não foi diferente. Ao longo da nossa pesquisa, pudemos observar que as críticas ao trabalho do “speaker” foram exceções – que decorreram especificamente nestes dois casos trazidos no universo de 50 ocorrências.

Também é pertinente destacar também que, apesar de o nosso recorte de pesquisa abarcar a década em que Getúlio Vargas decretou o Estado Novo (em 1937), com uma nova Constituição imposta no país, não encontramos relatos que remetem a qualquer ligação entre a Gagliano Neto e o presidente da República no período – embora seja público que Vargas, assim como outros históricos ditadores, também se valeu do futebol para melhorar a sua imagem.⁵¹

Sobre Gagliano, na década de 1930, podemos observar que a maioria das notícias sobre o narrador trazia elogios, mediante entrevistas, opiniões sobre profissional do rádio, e artigos com curiosidades. Do Rio de Janeiro, O Jornal das Moças: Revista Semanal Ilustrada,⁵² por exemplo, informou em 3 de agosto de 1939 que Gagliano Neto era também o diretor de publicidade da PRA-3. Em 28 de outubro daquele mesmo ano, a coluna “Radioatividades” assinada por Paulo Roberto trazia os times de cada jornalista. Lá, corroborando com Duarte,⁵³ informava que Gagliano era “completamente Botafogo (sócio e torcida)”.

A *Gazeta*, de Santa Catarina, em 2 de fevereiro de 1937, trazia num título de matéria: “Gagliano Neto, o maior ‘speaker’ desportivo do Brasil!”. No texto exaltava o papel do narrador na Copa Sul-Americana, cuja 14ª edição foi realizada entre 27 de dezembro de 1936 e 1º de fevereiro de 1937, na Argentina.⁵⁴

⁵⁰ O DIA: Gagliano Neto o “speaker” sem noção de responsabilidade, p. 6.

⁵¹ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*.

⁵² JORNAL DAS MOÇAS: Radioatividades.

⁵³ A história de Gagliano Neto, o primeiro “speaker” brasileiro em Copas do Mundo.

⁵⁴ Argentina e Brasil acabaram empatados houve a necessidade de um jogo desempate. A Seleção Argentina foi a campeã.

Com o risco de sua própria integridade física, agredido com palavras e gestos de uma assistência mal educada e desumana, ainda assim, Gagliano Neto, não arredou o pé de seu posto, que se tornou, como ele muito bem disse, um posto de sacrifício, procurando inteirar aos seus patrícios que o ouviam, de todos os detalhes e oscilações por que passou a final do Campeonato Sul-Americano de Foot-ball. Gagliano Neto não foi somente um “speaker”. Foi, antes, um verdadeiro patriota, não encobrindo o gesto indigno e, sobre todos os títulos, ingrato que os filhos da Argentina tiveram para conosco.⁵⁵

Dois dias depois, em 4 de fevereiro de 1937, o mesmo jornal informava que vários gaúchos estavam empenhados em presentear a Gagliano com uma medalha de ouro pelos relevantes serviços prestados na Argentina. Abaixo, organizamos numa tabela os periódicos, entre jornais e revistas, que trouxeram informações sobre Gagliano Neto na década de 1930, com o respectivo quantitativo de menções.

Periódicos	Ocorrências
Correio Paulistano (SP)	14
Jornal do Brasil (RJ)	11
O Dia (PR)	7
Jornal das Moças – Revista Semanal Ilustrada (RJ)	3
A Gazeta (SC)	3
Diário de Notícias (RJ)	2
Beira-Mar (RJ)	1
Diário Carioca (RJ)	1
Gazeta de Notícias (RJ)	1
Guanabara Fluminense (RJ)	1
O Imparcial (RJ)	1
Jornal do Commercio (RJ)	1
A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS)	1
A Ordem (RN)	1
Carioca (RJ)	1
O Radical (RJ)	1

Tabela 1: Jornais e revistas que noticiaram “Gagliano Neto” na década de 1930.
Fonte: autores (2024).

⁵⁵ A GAZETA: Gagliano Neto, o maior “speaker” desportivo do Brasil!, p. 2.

GAGLIANO NETO, OS RUMOS PÓS-MUNDIAL

De acordo com Ortriwano,⁵⁶ como prêmio por sua corajosa iniciativa, após a Copa, Gagliano Neto foi promovido ao cargo de diretor geral da Rádio Clube do Brasil.

Partindo do princípio de que rádio é sonhar, tentou voos mais altos reunindo na emissora dos Irmãos Byington a nata do rádio brasileiro. Como dirigente, suas iniciativas de formar um cast fabuloso foram malogradas. A orgia de contratar os maiores astros e estrelas por somas astronômicas, durou pouco. Nessa aventura, o próprio Gagliano dançou e foi para a Rádio Nacional, também do Rio de Janeiro.⁵⁷

Duarte⁵⁸ afirma que, após a Copa, Gagliano passaria pelas rádios Mayrink Veiga (1939- 1941) e Nacional (1941-1943). Em 1944, foi contratado por Roberto Marinho para comandar a implantação da Rádio Globo, onde esteve até fundar a sua rádio própria, a Continental, em 1949. Permaneceu no Rio de Janeiro até 1961, quando foi contratado para trabalhar nas Organizações Victor Costa e na TV Globo em São Paulo.

Em entrevista ao jornalista Marcelo Duarte,⁵⁹ o artista Zilando Freitas, neto de Gagliano e responsável por um acervo do radialista, afirma que o avô teria ainda trazido outras contribuições para a transmissão esportiva, “como o grito de gol, gol, gol”, a criação de apelidos e a tradução de termos futebolísticos para o português. “Foi meu avô quem chamou o Leônidas de ‘Diamante Negro’ e de ‘Homem de borracha’ pela primeira vez, assim como foi ele que transformou ‘corner’ em escanteio, ‘foul’ em falta, entre outras palavras que só existiam em inglês”.⁶⁰

Ao fim da Copa, Gagliano viajou durante quatro meses pela Europa, “período que aproveitou para observar como funcionavam as emissoras de rádio do Velho Mundo”.⁶¹ Em sua volta ao Brasil, concluiu que os europeus possuíam mais infraestrutura, mas que não chegavam aos pés dos locutores brasileiros no quesito emoção.

⁵⁶ ORTRIWANO. *França 1938, III Copa do Mundo*.

⁵⁷ ORTRIWANO. *França 1938, III Copa do Mundo*, p. 3.

⁵⁸ DUARTE. A história de Gagliano Neto, o primeiro “speaker” brasileiro em Copas do Mundo.

⁵⁹ DUARTE. A história de Gagliano Neto, o primeiro “speaker” brasileiro em Copas do Mundo.

⁶⁰ DUARTE. A história de Gagliano Neto, o primeiro “speaker” brasileiro em Copas do Mundo.

⁶¹ DUARTE. A história de Gagliano Neto, o primeiro “speaker” brasileiro em Copas do Mundo.

O pesquisador Thiago Uberreich⁶² explica que não existe registro sonoro dessa primeira transmissão de Copas do Mundo para o Brasil. “Infelizmente, não existe áudio disso (da transmissão). Eu já pesquisei o máximo que eu pude, mas, pelo que eu entendi, não havia formas de gravar essa transmissão, mas, foi uma narração importante”.⁶³

Esta pesquisa também realizou uma tentativa junto a Rádio Clube, no Recife, a fim de saber sobre o registro histórico da época. Mas, de acordo com o coordenador de jornalismo da rádio, André Luiz Cabral, um incêndio em 1977, no Palácio do Rádio, no Recife, levou todo o acervo da Rádio Clube, que não possui mais registros do período.

A carreira de Gagliano ainda incluiu a fundação de rádio:

Em 1949, fundou a Rádio Continental e, no mesmo ano, foi mais uma vez pioneiro, ao organizar a primeira transmissão externa do Carnaval carioca. Em 1954, voltou à Rádio Continental, participando da reformulação da emissora e da conseqüente transformação dela em Rádio Mundial. Ao mesmo tempo, atuou como diretor do jornal O Campeão. Permaneceu no Rio de Janeiro até 1961, quando foi contratado para trabalhar nas Organizações Victor Costa e na TV Globo em São Paulo. Nesta época, fazia também a narração de corridas de cavalo no Jockey Club de São Paulo, esporte pelo qual era apaixonado.⁶⁴

A carreira de Gagliano na locução esportiva chegou ao fim em 1967. Ainda trabalhou no meio publicitário e foi diretor de Relações Públicas e Publicidade do Hotel Horsa Nacional em São Paulo, onde trabalharia até o seu falecimento, em 5 de março de 1974, vítima de um ataque cardíaco, aos 62 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pouco conhecido do grande público brasileiro, sequer do povo pernambucano, tão orgulhoso pelos seus ícones pioneiros mundo afora, Gagliano Neto deixou um legado que até hoje alimenta a paixão pelo futebol dos profissionais brasileiros do rádio e do jornalismo esportivo.

⁶² UBERREICH. *A primeira Copa do Mundo transmitida no Brasil pelo rádio.*

⁶³ UBERREICH. *A primeira Copa do Mundo transmitida no Brasil pelo rádio.*

⁶⁴ DUARTE. A história de Gagliano Neto, o primeiro “speaker” brasileiro em Copas do Mundo.

A presença do rádio brasileiro na Copa de 1938 foi viabilizada também devido ao trabalho de Gagliano Neto, cuja história pessoal se confunde com a história do rádio brasileiro. Afinal, foi pela voz de Gagliano que o Brasil inteiro pôde acompanhar todas as emoções que uma Copa do Mundo oferece, com a riqueza de detalhes que só as imagens mentais podem fornecer.⁶⁵

A nossa pesquisa pôde acrescentar nesta trajetória do primeiro “speaker” brasileiro a narrar uma Copa do Mundo que a figura de Gagliano não se restringia apenas à função de reportar acontecimentos. Mais do que isso, à época, o narrador era também repórter e comentarista, além de figura que também aparecia para além da sua função basilar – ser radialista.

A partir do resgate junto aos 16 jornais e as 50 ocorrências encontradas sobre o radialista observamos que a trajetória de Gagliano Neto foi destacada pela sua atuação como narrador, mas também como personalidade do rádio com influência no futebol brasileiro. Não em vão, ele é entrevistado no regresso à França por diferentes periódicos e os seus comentários durante o Mundial reverberam em múltiplas notícias que o levam a ser julgado pelo público, por atletas e pelos pares. É neste recorte que trazemos também a face avessa aos costumeiros elogios históricos que contornam a maior parte das referências ao narrador.

As interfaces entre Comunicação, esportes e as Ciências Sociais foram extensamente exploradas ao longo do século XX, sobretudo a partir dos anos 1980. Porém, conforme destacam Kischinhevsky e Lopez, “o rádio esportivo suscitou esparsos estudos compreensivos [...], outros tantos de caráter histórico [...] e, ainda mais raramente, voltados para formação profissional”.⁶⁶

Por essa razão, entendemos que este artigo, cujo objetivo é resgatar a história de Gagliano Neto, com enfoque maior na década de 1930, é também uma contribuição aos estudos do rádio esportivo brasileiro. Este trabalho também visou a trazer luz à pouca valorização histórica acerca dos radialistas esportivos brasileiros, a fim de que se não permita que o legado de tantos profissionais que abriram – e abrem – caminhos no rádio esportivo brasileiro seja apagado.

⁶⁵ ORTRIWANO. *França 1938, III Copa do Mundo*, p. 10.

⁶⁶ KISCHINHEVSKY; LOPEZ. A dimensão sonora nos estudos de comunicação e esporte, p. 4.

Além disso, reforçamos que esta pesquisa sugere a abertura de novos caminhos para pesquisas sobre a figura de Gagliano Neto, com exploração possível nas décadas 1940, 1950, 1960 e 1970. Esse período pode trazer à luz novos olhares e colaborar para que a lacuna acerca da historicização do referido narrador, pouco explorado na bibliografia comunicacional, possa ser, passo a passo, superada.

* * *

REFERÊNCIAS

A GUERRA E O FOOTBALL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: ed.133, jun., 1938. Disponível em: <https://abrir.link/lxZmu>. Acesso em: 15 jul. 2023.

ALMEIDA, W.; ARAÚJO, D.; RUBIO, Revisitando transmissões radiofônicas pioneiras de Jogos Olímpicos no Brasil. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 14, n. 1, p. 76-104, 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOLADAS E BALÕES. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: ed. 142, jun., 1938. Disponível em: <https://abrir.link/furMX>. Acesso em: 15 jul. 2023.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

C. R. VASCO DA GAMA – NOTA OFICIAL. **Jornal do Brasil**. Disponível em: <https://abrir.link/avVoE>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Campeonato Mundial de Football. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: ed.115., maio, 1938. Disponível em: <https://abrir.link/bqPEv>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Declarações do Sr. Castello Branco. **Correio Paulistano**. São Paulo: ed.25226, jun., 1938. Disponível em: <https://abrir.link/Rozsy>. Acesso em: 15 jul. 2023.

E'cos da disputa do campeonato mundial de futebol. **Correio Paulistano**. São Paulo: ed.25281, ago., 1938. Disponível em: <https://abrir.link/DfgOA>. Acesso em: 15 jul. 2023.

DUARTE, M. A história de Gagliano Neto, o primeiro “speaker” brasileiro em Copas do Mundo. **O Guia dos Curiosos**. São Paulo, 2014. Disponível em: Acesso em: 23 mar. 2023.

GAGLIANO NETO, O MAIOR “SPEACKER” DESPORTIVO DO BRASIL! **A Gazeta**. Florianópolis: ed. 693, fev., 1937. Disponível em: <https://abrir.link/zGXXz>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Gagliano Neto o “speaker” sem noção de responsabilidade. **O Dia**. Curitiba: ed. 4590, jul., 1938. Disponível em: <https://abrir.link/HQvRO>. Acesso em: 15 jul. 2023.

GASTALDO, E. Futebol e estudos de comunicação no Brasil: caminhos e encruzilhadas de um campo indisciplinar. In: GIGLIO, Sérgio; PRONI, Marcelo. **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

KISCHINHEVSKY, M.; LOPEZ, D. A dimensão sonora nos estudos de comunicação e esporte. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 14, n. 1, p. 2-7, 2023.

MELO, V. A. **Cidade Sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Damará/Faperj, 2001.

MELO, V. A. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

NOTÍCIAS DE PERNAMBUCO. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: ed.183, ago., 1938. Disponível em: <https://abrir.link/czYHa>. Acesso em: 15 jul. 2023.

ORTRIWANO, G. **França 1938, III Copa do Mundo**: o rádio brasileiro estava lá. São Paulo: BOCC, 2000.

PIMENTA FORTEMENTE ACUSADO POR TIM. **O Dia**. Curitiba: ed. 4584, jul., 1938. Disponível em: <https://abrir.link/JBqkb>.

RADIOATIVIDADES. **Jornal das Moças**. Rio de Janeiro: ed.1259, ago., 1939. Disponível em: <https://abrir.link/heQYs>. Acesso em: 15 jul. 2023.

RIBEIRO, A. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, J. H. **Jornalistas – 1937/1997**. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 1998.

Será irradiado o campeonato mundial para todos os brasileiros. **O Dia**. Curitiba: ed. 4529, maio, 1938. Disponível em: <https://abrir.link/VyGiL>. Acesso em: 15 jul. 2023.

UBERREICH, T. **A primeira Copa do Mundo transmitida no Brasil pelo rádio**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4VP3vjyilog>. Acesso em: 22 mar. 2023.

* * *

Recebido em: 27 jul. 2023.
Aprovado em: 31 jan. 2024.